

Catetinho sofre ameaça de traças e cupins

Carmem Cruz

Nem as forças militares de 1964 — e o abandono que elas impuseram ao local — conseguiram tanto contra o Catetinho e a memória que ele guarda quanto os cupins e as traças vêm conseguindo agora. Em alto estilo e favorecidos pelo descaso das autoridades os insetos trabalham dia e noite numa destruição lenta e silenciosa. Aos poucos, o palácio de madeira, primeira residência oficial de Juscelino Kubitschek no Planalto Central, vai se enegrendo de túneis, diante dos olhos espantados dos turistas.

Em 34 anos, a peroba, o jatobá, o pinho e outras madeiras utilizadas na construção do palácio foram servindo à instalação de colônias de cupins. Sem falar nas chuvas que também castigaram a edificação todos estes anos. Pequenas reformas foram feitas e em setembro do ano passado alguns esteios e a borracha de proteção da varanda foram trocados, mas a madeira do prédio está tão podre e corroída que só uma reforma completa poderá recuperá-lo.

Destruição — Tombado pelo Governo Federal no início da década de 60, o conjunto de casas do Catetinho só passou por reforma geral ao ser desinterditado, após o movimento de 1964. Desde 1986, os administradores têm implorado ao Departamento de Turismo (Detur) que promova a reforma estrutural nos prédios. "Entrei aqui há dois anos e, desde então, tenho pedido que substituam as tábuas podres, as janelas que sequer podem ser abertas e a instalação elétrica na parte externa do prédio, mas o Detur ainda não pôde fazer", afirmou a atual administradora da área, Marisa Martinez.

No último aniversário do Catetinho, em novembro, o prédio foi pintado e restaurado em parte. A escada foi trocada porque a antiga não oferecia mais segurança aos visitantes. A colocação da borracha no piso da varanda impediu que a água da chuva continuasse a entrar no forro de madeira e apodrecesse ainda mais a estrutura do prédio. Em julho passado a fina mureta da sacada desabou quando a administradora apoiada observava o busto de JK.

A parte posterior do prédio principal, entretanto, é hoje a mais destruída pelos insetos e pelas intempéries. As tábuas nunca foram trocadas e, segundo o próprio auxiliar de administração Luciano Pereira, que chegou no Catetinho antes mesmo de Juscelino Kubitschek, basta tirar uma delas que as outras caem.

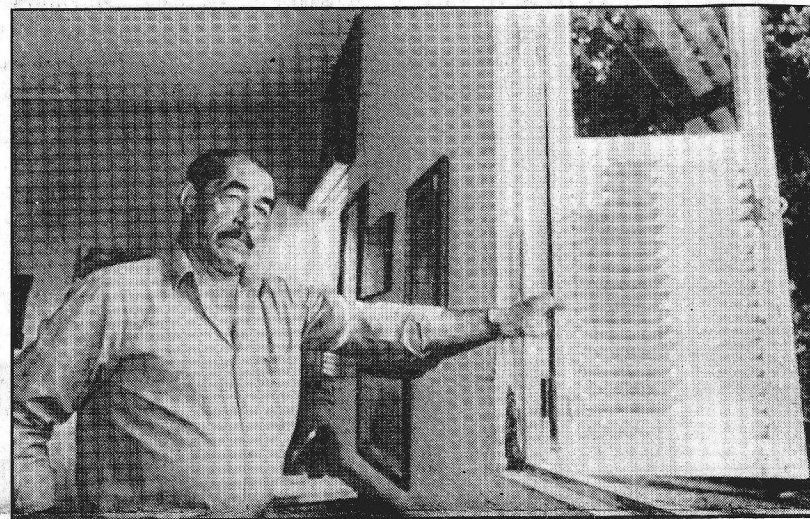
A administradora do Catetinho, Marisa Martinez, ainda tem esperanças de que os recursos para a reforma do conjunto sejam liberados ainda este semestre. "As traças já estão roendo os móveis do escritório, as poltronas embora protegidas com plástico não resistem", comentou Marisa, ao lado de uma das janelas do escritório que estão despencando. As soleiras estão ocas e precisam ser substituídas, mas uma das dificuldades que o Detur encontra na reforma do Catetinho é sempre a falta de material similar no mercado de hoje.

Segundo Marisa, grande parte das pequenas reformas encheu o Catetinho de elementos não originais: "As luminárias colocados no térreo do prédio central, os interruptores que em nada combinam com a construção e os esteios muito mais largos que os originais vão prejudicando o patrimônio cultural" disse ela, lamentando que a grande reforma esperada precisa contar com a participação de pessoal especializado.

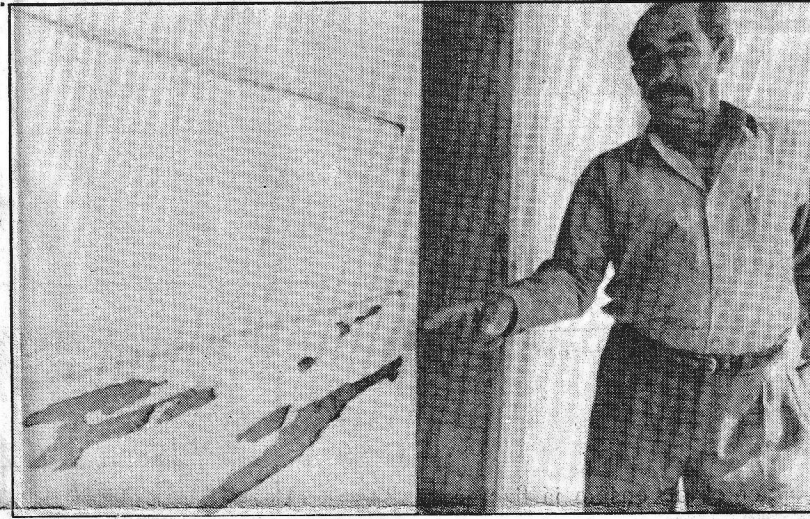
FOTOS: ERALDO PERES



O Catetinho, primeira residência oficial de JK, está abandonado e sofre a devastação de cupins e traças, que corroem sua estrutura



Luciano mostra as paredes e janelas sendo comidas por cupim



Desanimado, ele disse "que tudo tem estado muito abandonado"

Turista assusta com descaso

Além dos cupins e das traças que estão comendo o Catetinho, os morcegos são outra ameaça aos turistas. Eles entram pelas frestas do telhado de zinco e se alojam principalmente no forro dos banheiros. No quarto que era utilizado por Israel Pinheiro antes da construção da cidade, o último depois do barzinho, é sempre grande o susto do turista ao sentir o cheiro de morcegos mortos. "Deixamos a janela aberta, mas fica assim o tempo todo", explica Marisa Martinez.

No bar também projetado por Niemeyer e que serve aos turistas, os estragos são grandes. Os cupins roem as paredes e o forro do bar e dos sanitários. A mesma coisa acontece com o prédio anexo ao palácio, o da cozinha e dos alojamentos, completamente comprometido. "Isso tudo tem estado muito abandonado e nem mesmo a filha de JK, a vice-governadora Márcia Kubitschek, vem mais aqui. No último aniversário do Catetinho ela sequer apareceu", disse, desanimado, o auxiliar Luciano Pereira.

Acidentes — Para a administradora Marisa Martinez, outro perigo aos turistas é o risco de acidentes que a atual instalação elétrica da área externa oferece.

"A iluminação foi feita nas próprias árvores e em 34 anos estas árvores cresceram e alteraram a rede. Os fios podem romper e provocar acidentes", acentuou.

Segundo Marisa, muitas árvores da área que circunda o conjunto histórico do Catetinho estão morrendo porque as raízes, ao longo destes anos, foram sendo descobertas. "A Novacap pediu que não varrêssemos mais a área usada para recreação, mas não podemos deixar as folhas espalhadas porque há muitas cobras e o fluxo de visitantes é muito grande", justificou. Marisa espera que ao arborizar a entrada do Catetinho, conforme projeto já em andamento, a Novacap também promova o aterramento da área de piqueniques.

Há três meses, Marisa Martinez encaminhou um projeto de reforma completa do Catetinho ao Detur, mas continua aguardando por liberação de recursos. "Não sei o que vai acontecer, mas o ideal seria ter uma reforma se iniciando a partir do próximo mês, com o Catetinho interditado ao público por uns três meses. Com isso o Catetinho estaria pronto para ter um grande aniversário em novembro", afirmou.

Palácio foi presente a JK

Construído em dez dias, o Catetinho foi, a partir de outubro de 1956, a residência provisória do ex-presidente Juscelino Kubitschek em Brasília. O "palácio de tábuas" foi projetado por Oscar Niemeyer e erguido por mais de cem operários para surpreender JK na sua segunda visita ao Planalto Central, no dia 10 de novembro daquele ano. "Foi um presente de amigos", lembrou o pioneiro Luciano Pereira, 67 anos, trazido por Bernardo Sayão para Brasília. O mesmo palácio abrigou o primeiro presidente da Novacap, Ernesto Silva, e outros engenheiros da construção da cidade.

O Catetinho, que recebeu este nome em homenagem ao Palácio do Catete, no Rio de Janeiro, consta do prédio principal, do anexo do "palácio", da churrasqueira e da área de piqueniques e de construções mais recentes como o barzinho e a casa do administrador. No prédio principal, de um pavimento sobre pilotis, ficava a suíte presidencial, o quarto do ex-presidente da Novacap, Ernesto Silva, a sala de despachos, quartos de hóspedes - que geralmente serviam a engenheiros -, um pequeno bar e depois o quarto de Israel Pinheiro.

Foi nesse "palácio de tábuas" que Juscelino assinou os primeiros decretos da construção da cidade. "Às vezes, ele recebia tanta gente e não havia suprimento para alimentar todo mundo. Então se autorizava o abate de uma res e em pouco tempo havia carne para todo mundo. A churrasqueira, nessa hora, era de grande valia", conta Luciano Pereira. Em junho de 1958, o Presidente mudou-se para o Palácio da Alvorada.

Parte dos móveis, dos quadros e objetos originais utilizados pela equipe de JK, ainda estão no Catetinho, visitado por cerca de duas mil e 500 pessoas todo mês. A sua preservação como Patrimônio histórico é de responsabilidade do Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural (IBPC), que substituiu a SPHAN e Pró-mémoria.